

Arqueologia das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

5



Anna Paula Lombardi
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Anna Paula Lombardi
(Organizadora)

**Arqueologia das Ciências Humanas e Sociais
Aplicadas
5**

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A772 Arqueologia das ciências humanas e sociais aplicadas 5 [recurso eletrônico] / Organizadora Anna Paula Lombardi. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Arqueologia das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas; v. 5)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-052-0

DOI 10.22533/at.ed.520191701

1. Ciências humanas. 2. Identidade de gênero. 3. Serviço social.
I. Lombardi, Anna Paula. II. Série.

CDD 372.8

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Arqueologia das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas” aborda uma série de livros de publicação da editora Atena. O volume 5, apresenta 33 capítulos sobre os aspectos diversos das Ciências Humanas. Os temas têm como peculiaridade exibir no contexto atual as situações vinculadas a gestão de saúde, a questão de gênero, mulheres e vulnerabilidades, o papel do Serviço Social na sociedade e a política social na contemporaneidade.

Com o enfoque de contribuir no bem estar do coletivo e a integração desses no âmbito da sociedade são as principais preocupações expostas nos capítulos. A obra contribui na ampla relevância dos aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos e através da complexidade dos fatos reais, tem como característica dar visibilidade a importância da formulação de políticas públicas no Brasil.

A importância desses estudos, estão evidenciados na formação em nível de graduação e pós-graduação de acadêmicos registrando um salto quantitativo e qualitativo nas últimas décadas corroborando com a relevância dos temas abordados.

Aos leitores desta obra, que ela possa inspirar a criação de novos e sublimes estudos, proporcionando discussões e propostas para um conhecimento significativo.

Anna Paula Lombardi

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
AGENDAS REALIZADAS NA ÁREA DA SAÚDE: OBJETIVOS, AÇÕES E RESULTADOS DOS GOVERNOS FHC E LULA	
<i>Oleg Abramov</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5201917011	
CAPÍTULO 2	16
CONSELHOS DE SAÚDE: A PERCEPÇÃO DOS CONSELHEIROS ESTADUAIS DO RIO GRANDE DO SUL (CES/RS)	
<i>Maria Alice Gabiatti Alessio</i>	
<i>Ronaldo Bordin</i>	
<i>Roger dos Santos Rosa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5201917012	
CAPÍTULO 3	31
GESTÃO DA SAÚDE PÚBLICA NO BRASIL: A FUNDAÇÃO ESTATAL DE DIREITO PRIVADO E AS REPERCUSSÕES PARA OS TRABALHADORES	
<i>Luciene Rodrigues da Silva Garcia Augusto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5201917013	
CAPÍTULO 4	42
INOVAÇÃO SOCIAL: UM ESTUDO DE CASO DO PROJETO MÃO AMIGA	
<i>Cassiane Chais</i>	
<i>Jaime João Bettega</i>	
<i>Adrieli Alves Pereira Radaelli</i>	
<i>Oberdan Teles da Silva</i>	
<i>Paula Patrícia Ganzer</i>	
<i>Pelayo Munhoz Olea</i>	
<i>Eric Charles Henri Dorion</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5201917014	
CAPÍTULO 5	56
POLÍTICA DE SAÚDE: TRABALHO DO ASSISTENTE SOCIAL E DIREITOS HUMANOS	
<i>Neimy Batista da Silva</i>	
<i>Danúbia de Brito Rodrigues Silva</i>	
<i>Adelaine da Silva Santos de Jesus</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5201917015	
CAPÍTULO 6	66
PROTEÇÃO SOCIAL E SAÚDE MENTAL DE UNIVERSITÁRIOS NA UFF CAMPOS	
<i>Alessandra de Muros Xavier</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5201917016	
CAPÍTULO 7	76
VOZES DE MULHERES: O “APRENDER A FALAR” A PARTIR DOS CLUBES DE TROCA E NOVAS POSICIONALIDADES	
<i>Maria Izabel Machado</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5201917017	

CAPÍTULO 8 89

VIOLÊNCIA SIMBÓLICA E ESTUPRO DE VULNERÁVEL: UMA ANÁLISE DE DISCURSO DE REPORTAGENS DO G1

Julia Mello dos Santos

Karen Costa Krüger

DOI 10.22533/at.ed.5201917018

CAPÍTULO 9 94

TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO E REPERCUSSÕES PARA O SERVIÇO SOCIAL: INTERFACES DA FEMINIZAÇÃO E PRECARIZAÇÃO

Solange dos Santos Silva

DOI 10.22533/at.ed.5201917019

CAPÍTULO 10 105

TRABALHO FEMININO? A CONFIGURAÇÃO DE GÊNERO DO SERVIÇO SOCIAL NO BRASIL

Diego Tabosa da Silva

Noêmia de Fátima Silva Lopes

Rafaella Vanny

DOI 10.22533/at.ed.52019170110

CAPÍTULO 11 117

APOLOGIA À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA MÚSICA

Elaine Silva Alegre

Liliane Capilé Charbel Novais

Marilza de Fátima Souza

Rozimeire Stiko Shimizu

DOI 10.22533/at.ed.52019170111

CAPÍTULO 12 129

BUNDA: RAÇA E POLÍTICA VISUAL NO BRASIL

Ana Paula Garcia Boscatti

Joana Maria Pedro

DOI 10.22533/at.ed.52019170112

CAPÍTULO 13 143

AS PRÁTICAS TERAPÊUTICAS E O MOVIMENTO DE RECONCEITUAÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL

Letícia Pereira Dourado

Lilian Fernanda Silva

Dameres Gonçalves Martins

Daniele Lopes Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.52019170113

CAPÍTULO 14 154

POLÍTICA SOCIAL NO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO: REBATIMENTOS SOBRE ASSISTÊNCIA SOCIAL

Mayéwe Elyênia Alves dos Santos

Palloma Maria Gomes Jácome

DOI 10.22533/at.ed.52019170114

CAPÍTULO 15	165
SERVIÇO SOCIAL E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NA ÁREA DA POLÍTICA SOCIAL NA CONTEMPORANEIDADE	
<i>Ângela Kaline da Silva Santos</i>	
<i>Lucicleide Cândido dos Santos</i>	
<i>Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida</i>	
DOI 10.22533/at.ed.52019170115	
CAPÍTULO 16	173
PÓS-MODERNISMO E OS ENTRAVES E DESAFIOS POSTOS AO PROJETO ÉTICO-POLÍTICO DO SERVIÇO SOCIAL NA CONTEMPORANEIDADE	
<i>Bismarck Oliveira da Silva</i>	
<i>Maria Tereza de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.52019170116	
CAPÍTULO 17	185
ADOÇÃO DE CRIANÇAS BRASILEIRAS NA EUROPA: O PERCURSO DAS FAMÍLIAS ITALIANAS	
<i>Gisele Caroline Ribeiro Anselmo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.52019170117	
CAPÍTULO 18	200
TRANSVERSALIDADE DE GÊNERO E INTERSECCIONALIDADES NA PROTEÇÃO SOCIAL ESPECIAL DE MÉDIA E ALTA COMPLEXIDADE: DESAFIOS PARA A DOCTRINA DA PROTEÇÃO INTEGRAL	
<i>Mirna Carriel Cleto</i>	
<i>Marcos Claudio Signorelli</i>	
DOI 10.22533/at.ed.52019170118	
CAPÍTULO 19	214
REDEMOCRATIZAÇÃO E PARTICIPAÇÃO DO PODER LEGISLATIVO NA POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA	
<i>Nayanna Sabiá de Moura</i>	
DOI 10.22533/at.ed.52019170119	
CAPÍTULO 20	229
REVISITANDO O PENSAMENTO DO GUNNAR MYRDAL E AMARTYA SEN SOBRE O ESTADO DE BEM-ESTAR SOCIAL	
<i>Nilton Marques de Oliveira</i>	
<i>Udo Strassburg</i>	
DOI 10.22533/at.ed.52019170120	
CAPÍTULO 21	243
CAPITALISMO MONOPOLISTA, QUESTÃO SOCIAL E FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM SERVIÇO SOCIAL	
<i>Mayra Hellen Vieira de Andrade</i>	
<i>Ingrid Stephany Freire da Silva</i>	
<i>Angely Dias da Cunha</i>	
<i>Nirleide Dantas Lopes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.52019170121	

CAPÍTULO 22 256

O QUE SE FALA DAQUELES A QUEM NÃO SE DÁ OUVIDOS: IMPRENSA E MORADORES DE RUA EM CUIABÁ-MT E REGIÃO

Juliano Batista dos Santos

Juliana Abonizio

DOI 10.22533/at.ed.52019170122

CAPÍTULO 23 270

ANÁLISE DA LÓGICA DE PENSAMENTO DE THOMAS KUHN E KARL POPPER FACE A SOCIOLOGIA

Nei Alberto Salles Filho

Daniele Cristina Bahniuk Mendes

Thais Cristina dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.52019170123

CAPÍTULO 24 280

COMPARECIMENTO, ALIENAÇÃO ELEITORAL E O ÍNDICE DE FRACIONALIZAÇÃO

Franklin Soldati

DOI 10.22533/at.ed.52019170124

CAPÍTULO 25 294

CONSTRUÇÃO DA POSIÇÃO DO GOVERNO BRASILEIRO REFERENTE À PLATAFORMA DE AÇÃO DE PEQUIM: PRIMÓRDIOS E ATUALIDADE

Ana Luci Paz Lopes

DOI 10.22533/at.ed.52019170125

CAPÍTULO 26 309

DO “MEU EU-BEIJU” À PESQUISA - AS MINAS DO CORRE: MULHERES QUE TRABALHAM NO COMÉRCIO DE DROGAS

Patricia Baptista Guerino

Marlene Tamanini

DOI 10.22533/at.ed.52019170126

CAPÍTULO 27 324

IMPACTOS DO NEOLIBERALISMO NA PROTEÇÃO SOCIAL BRASILEIRA

Maria Isabel Lopes Perez

DOI 10.22533/at.ed.52019170127

CAPÍTULO 28 335

ÍNDICES DE GERAÇÃO DE SEGURANÇA HUMANA: APLICAÇÃO COMPARADA AOS CASOS DO PERU E COLÔMBIA

Fábio Rodrigo Ferreira Nobre

DOI 10.22533/at.ed.52019170128

CAPÍTULO 29 354

REFLEXÕES SOBRE OS IMPACTOS DA REFORMA TRABALHISTA PARA OS “NOVOS ROSTOS” DA IMIGRAÇÃO NO BRASIL

Vanito Ianium Vieira Cá

Jussara Maria Rosa Mendes

DOI 10.22533/at.ed.52019170129

CAPÍTULO 30	368
INDIVIDUALISMO METODOLÓGICO, AÇÃO COLETIVA E ESCOLHA RACIONAL: QUAIS SÃO OS EFEITOS DESSA INTERAÇÃO PARA A QUALIDADE DA DEMOCRACIA BRASILEIRA?	
<i>Mariana Dionísio de Andrade</i> <i>Rodrigo Ferraz de Castro Remígio</i>	
DOI 10.22533/at.ed.52019170130	
CAPÍTULO 31	385
O ESTADO DA ARTE NAS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA MULHERES: UMA REVISÃO DA LITERATURA NA PERSPECTIVA DE GÊNERO	
<i>Geovana Azevedo da Costa</i> <i>Olívia Cristina Perez</i>	
DOI 10.22533/at.ed.52019170131	
CAPÍTULO 32	401
O PAPEL DO ESTADO CAPITALISTA E SUAS “NOVAS” CONFIGURAÇÕES FRENTE A QUESTÃO SOCIAL	
<i>Ingridy Lammonikelly da Silva Lima</i> <i>Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida</i> <i>José Rangel de Paiva Neto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.52019170132	
CAPÍTULO 33	409
ZERO HORA E CRISE POLÍTICA NO RIO GRANDE DO SUL: ANÁLISE DA COBERTURA DO JORNAL SOBRE O GOVERNO ESTADUAL EM 2015	
<i>Rodolfo Silva Marques</i> <i>Bruno da Silva Conceição</i> <i>Luciana Pazini Papi</i>	
DOI 10.22533/at.ed.52019170133	
SOBRE A ORGANIZADORA	425

VOZES DE MULHERES: O “APRENDER A FALAR” A PARTIR DOS CLUBES DE TROCA E NOVAS POSICIONALIDADES

Maria Izabel Machado

Universidade Federal de Goiás, Faculdade de
Educação
Goiânia – GO

RESUMO: Este artigo se propõe a apresentar parte dos estudos de doutoramento concluído em que se analisaram as experiências de mulheres na economia solidária, mais especificamente em clubes de troca de Curitiba e região metropolitana. O objetivo neste artigo é analisar como o falar constitui parte substancial da experiência das mulheres nos clubes, e para além deles, engendrando processos de cuidado e agência a partir de tecnologias do eu. A base empírica se deu por meio de entrevistas em profundidade com 12 mulheres e observação participante em quatro clubes de troca. O referencial teórico inclui contribuições de Joan Scott, Teresa de Lauretis e Michel Foucault. Concluiu-se que através de metodologias específicas e do modo como as mulheres vivenciam a experiência de estar nos clubes “aprender a falar” converte-se em enunciar-se, resultando em novas posicionalidades em relação às situações de violências e silenciamentos.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres. Experiência. Posicionalidades. Tecnologias do eu.

ABSTRACT: This article proposes to present part of the doctoral studies concluded in which the experiences of women in the solidarity economy were analyzed, more specifically in exchange clubs of Curitiba and metropolitan region. The purpose of this article is to analyze how speaking constitutes a substantial part of the experience of women in and beyond clubs, engendering processes of care and agency from self-technologies. The empirical basis was provided through in-depth interviews with 12 women and participant observation at four exchange clubs. The theoretical reference includes contributions by Joan Scott, Teresa de Lauretis and Michel Foucault. It was concluded that through specific methodologies and the way in which women experience the experience of being in the clubs “learning to speak” becomes a statement, resulting in new positions on violence and silence situations.

KEYWORDS: Women. Experience. Positionalities. Technologies of the self.

1 | INTRODUÇÃO

As pesquisas no campo do gênero abrem à sociologia possibilidades que não foram exploradas pelos paradigmas científicos considerados clássicos, e não o foram por razões diversas. Entre estas razões está

o modelo tanto de racionalidade quanto de ciência pensados sempre a partir do masculino como sinônimo do universal, da totalidade. Esta perspectiva subalterniza práticas e sujeitos que alocados no campo da natureza se encontrariam em posição inferior à cultura, devendo, pois, submeter-se à ordem social estabelecida.

O ordenamento do mundo segundo a racionalidade moderna universalizante que aciona binarismos como natureza/cultura, moderno/atrasado, toma experiências de mulheres em uma economia de trocas como irrelevante do ponto de vista econômico e pouco efetiva desde a perspectiva da racionalidade instrumental moderna. Nesse sentido gênero não é apenas categoria analítica, mas referencial epistemológico. É preciso construir instrumentos de pesquisa e epistemologias que ultrapassem o binômio ação/estrutura. A categoria “experiência”, como desenvolvida por Joan Scott (1999) vem ao encontro dessa necessidade na medida em que propõe analisar não apenas o vivido, mas também as condições que o produziram.

A experiência, como recurso epistemológico foca nos sujeitos e nos conteúdos do vivido, neste caso mulheres participantes de clubes de troca na economia solidária. É preciso, entretanto, atentar-se ao fato de que são diversos os empreendimentos econômicos solidários assim como são múltiplas as visões sobre a economia solidária. Para algumas abordagens mais próximas a perspectivas de base universalizadora os sujeitos são únicos e se supõe que as proposições sejam seguidas por todos. O caminho aqui percorrido, ao contrário, parte da intersubjetividade, do cotidiano a fim de apreender sujeitos e suas experiências.

Este artigo é parte de tese de doutoramento concluída em março de 2017 e destina-se a analisar a experiência de mulheres participantes de clubes de troca em Curitiba e Região metropolitana com foco no falar como uma tecnologia do eu, conforme abordagem foucaultiana. A coleta de dados se deu entre 2014 e 2015 e compreendeu observação participante em quatro clubes de troca identificados como CT1. CT2. CT3 e CT 4, bem como a realização de entrevistas em profundidade com 12 participantes .

Um dos desafios analíticos a partir do campo foi compreender como as mulheres participantes dos clubes de troca se enunciam enquanto sujeitos. Das muitas perguntas postas ideias como a constituição dos clubes de troca enquanto sujeitos coletivos e uma possível experiência de feminino vivenciada pelas mulheres foram cedendo espaço a compreensões mais próximas das noções de posicionalidade e enunciação como elementos com maior potencial explicativo.

Abordar os clubes como sujeitos coletivos e as mulheres a partir de uma experiência de feminino nos lançaria exatamente no modelo explicativo apriorístico que procuramos evitar. Não é possível tomar os clubes como unidades monolíticas seja do ponto de vista das práticas seja por uma perspectiva identitária. Cada grupo possui características peculiares que colocam em curso processos interativos igualmente particulares.

Do mesmo modo as noções de feminino, feminilidade tomadas como ponto de

partida analítico nos remeteriam à essencializações que, se por um lado contribuíram em contextos específicos para um determinado tipo de feminismo, neste contexto nos lançariam em uma armadilha teórica, sobretudo por seu caráter reducionista e binarizante. Além disso, uma possível experiência de feminino se mostrou uma pergunta com pouca ressonância empírica.

Embora as mulheres não procurem e permaneçam nos clubes em busca de se descobrirem ou se reinventarem como mulheres elas o fazem em alguns casos como um efeito secundário das relações que se estabelecem nos e a partir dos grupos. Amizade, sociabilidade e trocas fariam parte dos conteúdos do vivido a partir dessa experiência.

Os caminhos percorridos para as reflexões acerca do sujeito no feminismo auxiliam como balizadores epistemológicos, ainda que o campo não nos conduza a uma reflexão em direção a um sujeito feminista. Não é o sujeito que muda propriamente a partir dos Clubes, no sentido de romper com trajetórias até então trilhadas, mas as posições que as mulheres assumem e as maneiras como elas passam a estar ou movimentar-se a partir de novas percepções de si. Elas seguem sendo mães, avós, esposas, mas o fazem a partir de outra percepção de si, de outro lugar de enunciação.

Nesse sentido é possível desde as observações e entrevistas identificar pontos nodais que permitiriam fixações parciais no sentido da identificação dos sujeitos. Não se quer apenas investigar quem são esses sujeitos, mas compreender a experiência vivida por elas. Apreender a experiência e as condições que a possibilitaram supõe considerar desde a perspectiva genealógica (FOUCAULT, 2015) a imbricação entre lugar e enunciação. Este sujeito se anuncia e enuncia, se visibiliza nas escavações. Os clubes, desde essa abordagem, se converteram em espaços a partir dos quais se intersectam experiências, memórias e reinvenções. Colocando em curso uma determinada forma de agência que não se resume à reprodução de estruturas, mas abre possibilidades para novas elocuições. Cria para as participantes condições objetivas e subjetivas para um agir sobre si e sobre o social a partir de novos termos em relação as suas trajetórias até então, com mais mobilidade e porque não, empoderamento.

2 | OS CLUBES DE TROCA E O FALAR

Os clubes de troca surgiram na Argentina a partir da segunda metade da década de 1980 mobilizando pessoas interessadas em trocar produtos e serviços sem a intermediação do dinheiro, escasso em razão da forte recessão vivida no país. No Brasil um dos primeiros clubes começou suas atividades em 1991 em um bairro periférico da cidade de Curitiba. Os primeiros participantes eram oriundos de listas de assistência social de igrejas. A primeira motivação para a criação dos clubes era, portanto, superar o assistencialismo da distribuição de alimentos promovendo um espaço no qual as pessoas pudessem acessar os alimentos desde um sistema de trocas que dispensasse

o uso do dinheiro. A entrega de cestas básicas foi gradativamente substituída pela troca de verduras cultivadas nos quintais, artesanato, e em alguns casos serviços, a tônica das trocas era a produção própria.

Contando com o suporte de uma ONG estabeleceram-se parâmetros comuns aos clubes, especialmente no que diz respeito à estrutura dos encontros e aos princípios que norteiam as trocas. Não se trata de um espaço de comércio, mas de solidariedade, o que significa na prática que o lucro comumente está submetido às necessidades e urgências. É usual favorecer determinada participante nas trocas quando se sabe que esta se encontra em dificuldades, por exemplo. A cada semana o circuito se atualiza e quem foi favorecido no encontro anterior cede a vantagem a quem precise naquele momento.

Se o interesse em adquirir produtos é a primeira motivação para a participação, com o tempo outros elementos ganham centralidade. Entre eles os vínculos de amizade e as reciprocidades que se produzem. A construção do clube como um espaço de amizade e confiança produz transições importantes em relação às enunciações. Saber falar, aprender a falar se convertem em conquistas obtidas com a participação ao longo do tempo. Não obstante este seja um elemento chave para compreender experiência e agência é um aspecto secundário desde a perspectiva do que propõe a economia solidária em sua face institucionalizada, uma vez que o objetivo dos empreendimentos seria a emancipação econômica. Não é possível desde essa perspectiva mensurar ou estabelecer uma relação de causa e efeito entre os aspectos considerados subjetivos e os resultados econômicos.

Esta é a razão pela qual este artigo percorre outro itinerário analítico que não a busca das relações causa e efeito. Ainda que as práticas nos clubes não produzam emancipações econômicas como se esperaria que fizessem, ignorar os processos de constituição de sujeitos seria relegar essas experiências à irrelevância acadêmica, política, econômica e social.

O clube de trocas torna-se o lugar do aprender a falar: “eu não falava, mas depois dessas reunião a gente aprende a falar.” (D. Raquel, CT 2). E não apenas isso, converte-se em uma espécie de fronteira de tempo e espaço:

Lá no grupo o melhor é a amizade, tá com eles, reunido, aprender bastante, a gente aprende. Lá é diferente, a gente conversa com um, conversa com outro né?! As vezes conhece pessoas novas. Minha vida mudou muito depois do troca, porque eu era muito tímida, eu era tímida mesmo, muito tímida. Teve uns concurso [curso] daqueles lá de microfone, umas coisas assim, teve umas duas vezes. Era só no dia pra gente falar, eu fui lá e fiz, foi indo, foi indo, melhorou bastante, agora até na igreja eu vou lá e falo. (D. Márcia, CT 1).

A referência ao saber falar como uma transição encontra respaldo no modo como as mulheres se percebem em relação ao grupo e aos demais espaços. Há, como se pode perceber pela fala de Márcia, marcações de um “aqui” e um “lá” acionadas também em outros relatos. Essa ideia de que “lá é diferente” traz não apenas uma percepção

de lugar, mas também de temporalidade, como se “lá no grupo” se restabelecessem práticas de outro tempo.

O falar que o clube possibilita passa ao largo de um saber escolar, relacionando-se em grande medida pela produção de enunciações de outra ordem. Michel Foucault na obra *A ordem do discurso* (2013) chama a atenção para a ritualização que define a qualificação necessária para falar: “o ritual [...] define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso”. (FOUCAULT, 2013, p. 37). D. Raquel (CT 2) confidenciava: “eu queria falar, mas não tenho desenvoltura”, evidenciando o quanto esses mecanismos de interdição afetam a percepção que têm de si.

O cerceamento da fala ou as desqualificações em torno do que e de como se fala vividos em diversos contextos pelas entrevistadas fazem parte do conjunto de conhecimentos aprendidos e apreendidos ao longo da vida. A invalidação dos discursos se dá em vários níveis, do institucional ao individual. Quando, por exemplo, os clubes não aparecem nos mapeamentos nacionais de empreendimentos econômico solidários ou tem sua relevância questionada nos processos de institucionalização da economia solidária se está produzindo um ritual classificatório que deixa de fora as experiências dos clubes.

3 | DO FALAR À EXPERIÊNCIA DE ENUNCIAR-SE

Não obstante os mecanismos de invisibilização e de desqualificação sigam seus cursos, seguem também os processos interativos que tem produzido enunciações de outra ordem. Quando me refiro a enunciações de outra ordem produzidas a partir dos clubes tenho por referencia os deslocamentos na posição de sujeito experimentados pelas mulheres. É como se por muito tempo em suas trajetóriasoubessem a cada uma delas margens estreitas entre as quais se movimentar, basicamente como mães e esposas, e a partir dos grupos essas margens se expandissem. Não se trata de uma ruptura com as discursividades em torno do casamento ou da maternagem, estas seguem muito marcadas. Mas elas se apropriam de discursividades que tencionam essas fronteiras permitindo que se experimentem em outros lugares, físicos, geográficos, e também subjetivos.

O que não significa que este movimento seja automático e prontamente abraçado. Há resistências ao falar. Em um dos grupos foi muito difícil que as mulheres aceitassem participar das entrevistas. Embora tenham sido muito receptivas coletivamente, não se sentiram confortáveis sozinhas comigo. Há alguns elementos possíveis: um deles diz respeito ao medo de se sentirem expostas. Uma das participantes que havia se disposto a ser entrevistada quando sugeri que fosse em sua casa voltou atrás e cancelou. O receio segundo ela era de que o marido não permitiria que a casa deles fosse filmada. Mesmo esclarecendo que se tratava de um bate papo e não de uma

entrevista como as da televisão não foi possível prosseguir.

Outro elemento que poderia auxiliar na compreensão dessa resistência está relacionado às dinâmicas internas do grupo. Há uma disputa de lideranças entre duas mulheres, uma que toma a frente na produção de artesanatos e outra que assume funções mais representativas. Fui apresentada ao grupo por uma delas e aceitar conversar comigo poderia ser interpretado internamente como “tomar partido”. Sobre isso uma participante desabafava: “ela não consulta o grupo, quer mandar sozinha... a gente sempre fala que no clube ninguém manda, mas ela nunca quis saber nossa opinião”. (Marina, CT 4).

A solução dada por elas próprias foi realizar as entrevistas não coletivamente, mas concomitantemente ao encontro, ou seja, conversar nos intervalos das atividades e minutos antes do encontro propriamente dito. Segundo uma delas: “eu falo se tiver mais gente junto.” (D. Sara, CT 4).

Há latente nessa condicionalidade estabelecida, um medo de falar que nesse contexto pode ser o receio de “não saber responder” ao que vai ser perguntado. Razão pela qual quando se propôs em todos os grupos a realização de entrevistas a tendência foi indicar as que já representam os clubes em espaços fora dali. Do ponto de vista metodológico falar com as que se dispõem facilitaria algumas etapas, mas limitaria o escopo analítico, uma vez que as mulheres que se destacam e conseqüentemente se tornam animadoras dos clubes tendem a reproduzir discursos mais ou menos homogêneos em que se diluem tensões e contradições internas. As que pediram pra falar foram ouvidas, mas os sorteios ajudaram trazendo falas que tem menos a ver com maior ou menor adesão à economia solidária, e mais com a intensidade com que se tem vivido essa experiência.

Além dos desafios que esse tipo de situação coloca à pesquisa há elementos que reforçam o lugar e a importância da fala. O que se fala, com quem se fala, definem posição, definem lugar. Aprender esses conteúdos elucidam ainda o cuidado observado em todos os grupos em relação à fofoca. As críticas a situações desagradáveis apareceram sempre de maneira muito sutil e sempre omitindo nomes:

Eu conheci uma pessoa lá no grupo que falou comigo, não vou falar o nome, que acabou tendo uma discussão com outra pessoa e não gostou. Discutiram porque uma delas não sabe dividir. Aí acabou que quem reclamou que a outra não sabia dividir não vai mais, era uma pessoa muito boa, muito legal, que já tava lá há anos. (Margarete, CT 1).

Trazer no momento do entrevista um episódio de crítica a quem não assumiu os valores do clube não pode ser caracterizado como uma atuação, à maneira interacionista em que se representa o papel que a entrevistadora gostaria de assistir, mas de uma vigilância permanente. É preciso cuidar do que se diz, como se diz e para quem se diz, não apenas enquanto o gravador está ligado, mas durante todo o tempo. Qualquer desentendimento não solucionado pode resultar em desistência das

participantes e a conseqüente desintegração do grupo.

Pensar a posição dos sujeitos a partir da experiência ao mesmo tempo em que distancia a análise do campo das identidades aproxima da noção de identificações. As identidades são múltiplas, mesmo ao nos referirmos às participantes como mulheres é preciso ter em mente o caráter interseccional do gênero para o qual Butler chama a atenção:

Se alguém “é” uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da “pessoa” transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constitui de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções como modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida. (BUTLER, 2012, p. 20).

As identificações nesse caso se produzem a partir de trajetórias marcadas pela solidão que se efetiva na ausência física dos familiares e/ou cônjuges, e também na percepção da solidão como um padrão relacional: “as vezes a gente tá em casa com a família da gente e tá sozinho do mesmo jeito” (Clara, CT 3).

Participar do clube permite um trânsito para dentro e para fora das representações que têm de si próprias. Se o espaço da casa é o locus da solidão, o do clube se converte no lugar de outra ordem discursiva a partir da qual se experimenta o mundo, o sujeito se experimenta: “eu gosto da troca, de conversar, trocar uma ideia, gosto de dá risada, tudo... de falar uma besteirada, e a mulherada é animada, eu me sinto muito sozinha em casa, porque não tem com quem conversar né?!” (Laura, CT 2).

O relato de Laura sobre “falar uma besteirada” está relacionado ao tom jocoso dos assuntos em torno dos afetos e da sexualidade, falas autorizadas em espaços de confiança. Os vínculos de amizade que se estabeleceram como que transformaram os encontros em espaços de intimidade, em que aparentemente não há receios em expor pelo riso, o deboche ou a ironia o que se pensa sobre a vida, sobre as relações.

As identificações produzidas que tem no riso partilhado um de seus indicadores ajuda a pensar a correlação agência e posicionalidade. Situar-se de maneira diferente, falando coisas que não falaria, por exemplo, seria uma espécie de agência com via de mão dupla: um agir sobre o social e um agir sobre si.

A referência a agência como um agir sobre o social não diz respeito a uma ação política estrategicamente calculada e colocada em curso a partir do clube. As práticas e discursividades em torno da economia solidária e dos clubes em relação aos demais empreendimentos passam para as entrevistadas por outros caminhos que não os do reconhecimento público. A hierarquização interna da economia solidária que invisibiliza os clubes não é uma questão para elas. Há certa identificação com princípios gerais da economia solidária, mas não uma necessidade de pertencimento e reconhecimento orgânicos. Quando me refiro a um agir sobre o social aciono uma

espécie de empoderamento de dentro para fora. Há mudanças na percepção de si que não mudam esta mulher de lugar, mas mudam o modo que ela se posiciona nos lugares que sempre ocupou, em especial a família e a comunidade.

Esta agência se dá, portanto, pela enunciação, em que o lugar da fala é central assim como o lugar de fala. A noção de experiência que se explica a partir dos modos como o sujeito compreende a própria trajetória impede que se caia na armadilha teórica da polarização entre sujeito e agência. Para Teresa de Lauretis (1994) gênero é a representação de uma relação e como tal é um locus potencial tanto para a mudança quanto para a reprodução. Olhar para a experiência das mulheres no cuidado de si, a partir do gênero, é procurar apreender nas narrativas e nas práticas os elementos capazes de persuadir as participantes dos clubes a investirem em outros posicionamentos.

Como a grande razão enunciada para a participação, a amizade como possibilidade de estabelecer laços, vínculos afetivos marca a trajetória dessas mulheres. O relato de dona Raquel que na ocasião da entrevista estava com 73 anos é emblemático nesse sentido:

A Economia Solidária promoveu muita coisa boa na minha vida, nessa idade, da terceira idade. [...] Eu vivia só dentro de casa, eu ensinava artesanato na FAS, fiquei três anos por lá. Foi onde eu conheci a Tania e ela me trouxe pra cá. Eu descobri o ouro quando vim pro grupo, eu descobri muita coisa, eu descobri a amizade. (Dona Raquel, CT 2).

A dimensão que as relações de amizade ocupam no cotidiano e na trajetória de cada uma das participantes pode ser contrastada com outro ponto nodal: a solidão. Os relatos de não ter com quem conversar ou não ter alguém que se importe com elas foram recorrentes. Quando perguntei à Laura (CT 2) se a família, o marido, não reclamavam de todo o tempo que ela dedicava ao clube a resposta foi “eu não tenho ninguém pra reclamar, eu sou viúva e meu filho nem se importa comigo. Nem quando eu tinha meu marido ele também não se importava”, com um forte tom de lamento, mais que de celebração por uma possível autonomia.

O clube se converte desta forma no espaço onde alguém se importa, como evidencia o relato de D. Raquel:

Meu marido tem outra mulher, ela tem a idade da nossa filha... faz tempo que eu to sozinha, eu tinha um paquera, mas ele morreu. Aí eu venho pra cá. Hoje eu falei: ‘vamos ver se elas lembram do meu aniversário’, da última vez não lembraram. (Dona Raquel, CT 2).

Os aniversários são sempre marcados nos clubes que, em geral, os comemoram a cada mês reunindo todas para que se cante parabéns no momento do lanche. E o que parece simples ganha proporções intangíveis para as mulheres: “eu tenho oitenta anos, de idade, nunca ninguém cantou parabéns pra mim, no troca cantaram”, fala ouvida e relatada por Lurdes, que contribuiu na formação dos clubes se segue

assessorando-os, durante reunião de animadoras.

Quando há participação do Clube em feiras e bazares com artigos produzidos coletivamente a renda obtida é destinada a alguma atividade para o próprio grupo. Uma grande festa de aniversário no encerramento das atividades no final do ano, como no Clube de Trocas 1 ou um passeio/almoço em uma casa de massas no caso do Clube de Trocas 2. Ambas as iniciativas foram muito celebradas pelas mulheres: além da fartura elas não precisavam se preocupar em preparar ou ter os ingredientes para o preparo.

No caso da comemoração no próprio Clube neste dia além de levar filhos e netos todas que quiseram levaram pra casa o que sobrou da festa, motivo a mais para comemoração. Já o passeio produziu ainda mais euforia: ir a um restaurante, acessar um universo inédito para a maioria delas. Tal é o efeito que havia duas propostas: um passeio a uma região rural que exigiria o pagamento do transporte ou o almoço. A escolha do restaurante foi praticamente unânime.

Eventualmente alguns aniversários passam sem ser lembrados. D. Olivia (CT 1) sentada a meu lado confidenciou enquanto assinava o livro de presença: “vou por o dia do meu aniversário [ao lado do nome na lista] pra ver se não esquecem de mim, nunca lembram...”. O riso que acompanha a fala é quase infantil, mas profundamente marcado pelo ressentimento de ser esquecida.

As dimensões amizade/solidão assumem quase que um caráter palpável nos encontros. Em todos os grupos os rituais se repetem: cada uma que vai chegando antes de procurar um lugar para se acomodar no círculo ou de expor os produtos que trouxe para a troca, pede notícias de quem ainda não chegou e vai informando sobre as colegas com quem encontrou durante a semana. Como uma espécie de inventário nesse momento circulam informações importantes que inclusive informam os padrões de troca e outros desdobramentos do encontro.

Em um desses momentos D. Raquel relatou:

Eu bordo toalha, pano de prato, nós fazemos, eu a minha filha, almofada de crochê, tapete... Eu tento vender na feira, mas eu vendo muito mais quando eu saio vender de porta em porta. Mas só de ir na feira, de ficar naquela comunidade né, pra mim é bom que você nem imagina. Faço amigos, eu ganho mais amizade, e eu cheguei agora lá na reunião lá da Puc, e eu cheguei atrasada, porque eu fui no médico, imagina quem tá faz tempo. (D. Raquel, CT 2).

As conversas animadas na chegada dão pistas importantes sobre os arranjos necessários na rotina para viabilizar a participação: “ah, eu menti pra mulher lá [patroa] que tinha médico, pra poder vim no troca”. (Soraia, CT 1). Outra participante justificando o fato de ter levado poucas coisas pra trocar relata: “Eu não tinha tempo pra fazer nada e mesmo que tivesse tava sem ingrediente, emprestei passagem pra vir”. (Conceição, CT 3).

Esse momento de chegada, um ritual informal porque não se considera ainda que o encontro tenha começado, adquire relevância considerando algo que poderia

parecer um detalhe: ninguém usa telefone celular. A maioria não os tem, e as que possuem não utilizam durante o encontro. As conversas não são interrompidas por checagens constantes às telas de mensagens, tampouco lançam mão desse recurso para terem notícias umas das outras.

O que funciona mesmo é passar ao final do encontro na casa de quem faltou pra “ver se tá tudo bem”. Fazer uma “visitinha” é tarefa de todas, seja por proximidade geográfica, seja pela incumbência assumida ao término do encontro. No entanto às animadoras essa tarefa toca mais incisivamente. D. Regina, animadora do CT número 1 relata a respeito do modo como se solucionam conflitos durante os encontros:

Durante a semana eu tiro uma hora pra ir na casa delas pra não afastar. Não adianta ficar como uma muleta, o dia que tirou a muleta o grupo morre, porque no troca as pessoa ficava se alfinetando, eles brigou durante a reunião umas três vezes... se não convencer na próxima reunião uma delas não vem. (D. Regina, CT 1).

Certamente que o elemento geracional impacta fortemente os processos interativos nesse contexto. Quando perguntadas sobre já terem ouvido falar de economia solidária antes do grupo o imaginário recompõe uma espécie de nostalgia de outro tempo e lugar:

Ta fazendo muito bem pra mim, to participando, trocando, os amigos que eu fiz... quando eu to ali parece que eu to num lugar diferente. Depois que a gente vem pra cidade as coisas ficou tão diferente, a gente não vê o vizinho, não se ajuda. Na roça as pessoas se ajudava, um ia lá e carpia a roça do outro, matava um porco e repartia. A gente qué voltá a tá junto. A gente vivia aquilo e nem sabia que era economia solidária.” (D. Olivia, CT 1).

Ir ao encontro do clube, portanto, implica em arranjos diversos, de diversas ordens, que recolocam questões acerca das motivações para a participação. E uma vez no clube, para algumas delas, é como esse tempo distante se refizesse, o tempo em que as pessoas se importavam. O ambiente de amizade que se constrói nos encontros estende desta maneira seus efeitos a múltiplas dimensões: “se a gente que é ‘mocinha’ assim, se não sair de casa as dor fica pior”. (D. Paula, 65 anos, CT 3).

O narrar-se durante os encontros nos clubes, que nem sempre ocorre de maneira formal, é perpassado pela reciprocidade que aciona uma escuta sempre atenta e produz identificações. Ali se pode falar de muitas coisas que ditas em casa não encontrariam ressonância. Esse é, sem dúvida, um dos principais motivadores para a permanência nos clubes. Produz-se com o par fala/escuta uma primeira dimensão do cuidado, o cuidar de si.

4 | DAFIXIDEZ DOS PAPEIS SOCIAIS À MULTIPLICIDADE DE POSICIONALIDADES

Para Michel Foucault (2010) cuidar de si passa necessariamente pelo conhecimento de si, não no sentido grego do “conhece-te a ti mesmo”, nesta acepção

estão implicadas práticas do conhecimento de si interditas à maioria das pessoas:

Ocupar-se consigo mesmo é, evidentemente, um privilégio de elite [...] ocupar-se consigo aparecerá como um elemento correlato de uma noção – que será necessário abordar e elucidar um pouco melhor: a noção de ócio (skholé ou otium). Não se pode ocupar-se consigo sem que se tenha, diante de si, correlata a si, uma vida em que se possa – perdoem-me a expressão – pagar o luxo da skholé ou do otium. (FOUCAULT, 2010, p. 102).

Em Foucault o conhecimento de si está relacionado ao autogoverno, condição necessária para o governo de outros. Chega-se a esta condição através do que o autor chama de tecnologias do eu (FOUCAULT, 2010), um conjunto de práticas sobre as quais convergem saberes. É por essa via que o indivíduo reúne as condições necessárias para tornar-se sujeito.

O autor reforça a diferença entre cuidar de si e conhece-te e ti mesmo apresentando quatro famílias de expressões que cercam o assunto. A primeira seria o estar atento a si, como o ato de prestar atenção em si mesmo, voltar a olhar para si, examinar-se. A segunda família de expressões consiste nas práticas da existência, a concentração em si mesmo como um refúgio, uma fortaleza. No terceiro conjunto de expressões relacionadas ao cuidar de si estão condutas e práticas a respeito de si mesmo: ir ao mais profundo de si e a partir daí sanar-se, curar-se, reivindicar-se (ALBANO, 2005). O quarto grupo de expressões ligadas ao cuidado de si compreende a relação permanente consigo mesmo, tornar-se senhor de si, auto satisfazer-se, exercer soberania sobre si.

As tecnologias do eu na experiência das mulheres nos clubes passam necessariamente por um narrar-se. Falar, aprender a falar e ter sua fala reconhecida são estágios de um processo que envolve enunciações e posicionalidades. Há, durante os encontros, determinados procedimentos que dão pistas de como essas tecnologias do eu são produzidas e operacionalizadas. O primeiro deles é a disposição física do espaço. É dada bastante ênfase ao círculo e sua função: todas tem que ser vistas por todas. Demarca-se também pela disposição circular das cadeiras a horizontalidade como indício da democratização das relações; há lideranças instituídas e espontâneas, mas não se sentam em posição de destaque.

Outro elemento importante é o da apresentação das participantes. Cada uma diz seu nome, há quanto tempo está no grupo e o que trouxe para a troca. Dizer o nome, mesmo quando a voz tímida é quase inaudível é um primeiro exercício para o “aprender a falar”, exercício pelo qual todas devem passar, ninguém é dispensado de fazê-lo.

O saber falar para estas mulheres está comumente associado à escolaridade, de maneira que é preciso não tolher as que não tiveram acesso à educação formal ou o tiveram de maneira limitada. Para que percamos o medo de falar parte-se de algo que elas saibam, de um conhecimento que dominem, no caso da apresentação dizer o nome é falar sobre quem são, e cada uma sabe de sua trajetória melhor que qualquer

outra pessoa.

Nesse sentido, as metodologias adotadas nos encontros iriam ao encontro do que Foucault chama de tecnologias do eu na medida em que possibilitam às mulheres um processo gradativo de “aprender a falar”, primeiramente sobre si, e na sequência falar para as outras “o que elas precisam ouvir”.

O falar como instrumento discursivo possibilitou as mulheres participantes dos clubes se enunciarem. Primeiramente em um lugar “seguro”, dentro do clube, onde a escuta é atenta e há identificações. As trajetórias se assemelham tanto nas violações quanto nos movimentos de superação e resistência. Uma vez conquistada a segurança sobre como falar, aprendida em passos lentos, do tamanho que cada uma alcança, é hora de romper silenciamentos em outros espaços.

Estabelecer-se como sujeito para algumas das entrevistadas passa por não mais precisar pedir autorização do marido para visitar a própria mãe, para outras por fazê-lo dormir no sofá quando não se entra em acordo sobre algo. O que está por trás de ambas as experiências é um novo conteúdo para o vivido cotidiano: a percepção de que como sujeitos elas não precisam ocupar as mesmas posições indefinidamente.

As vozes estão, pois, profundamente relacionadas a um agir sobre si, sobre o mundo, sobre as relações. Agência essa que não se faz sem uma ética de si, através da qual se descobre que é preciso ter atendidas as necessidades do estômago e do sonho para cuidar de si e de outros.

Um dos elementos que despontam tanto das entrevistas quanto das observações foi o narrar-se, o saber falar, como o principal instrumento de conhecimento sobre si e de ação no mundo. Os discursos produzidos em campos de poder, não dividem o social em dominados e dominadores, mas produzem enunciados válidos e inválidos, consequentemente sujeitos (in) validados. As entrevistas semi estruturadas deixam entrever como se produziram invalidações sobre as mulheres através de controle sobre o corpo, a renda, o direito de ir e vir. As narrativas foram inventários de dor, de cerceamentos, mas também de conquistas e realizações. Viajar sozinha ou sair sem pedir permissão ganham proporções imensas para quem não podia escolher com quem se casar ou se queria ou não ter filhos.

Saber falar, que ao fim e ao cabo é perder o medo de falar, não são exercícios de retórica ou de técnicas para vencer a timidez. São enunciados, e como tais dizem respeito à posições de sujeito. Empoderar-se pela fala é deslocar-se de posições de apagamento e sujeição, para lugares de afirmação, reinvenção e produção de novas posicionalidades e identificações. É também por onde passa a solidariedade entre as mulheres: ouvir e ser ouvida.

A certeza de uma audiência atenta e respeitosa, além das reciprocidades que orientam as trocas, produz vínculos de afeto e amizade. O que mais se gosta na economia solidária é dos amigos que se faz. Lá se canta parabéns quando ninguém mais lembra do aniversário. É lá também que se ouve falar de uma tal lei Maria da Penha. Quando não há lazer para os pobres, é nos clubes que se fazem os bingos

que divertem e distraem da aridez do cotidiano. É nos clubes de troca que se repõem o tempo e os laços.

REFERÊNCIAS

ALBANO, Sergio. **Michel Foucault**: glosario de aplicaciones. Buenos Aires: Quadrata, 2005.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Civilização Brasileira, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. WMF Martins Fontes: 2010.

_____. **A ordem do discurso**. Edições Loyola, 2013.

_____. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de gênero. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de (orga.). **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

MACHADO, Maria Izabel. **Mulheres, economia solidária e a reinvenção de trajetórias**. 200 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós Graduação em Sociologia – Universidade Federal do Paraná -UFPR, Curitiba, 2017.

MACHADO, M. I.; TAMANINI, M. **Economia Solidária e a invisibilização política e acadêmica de grupos de mulheres** In: I Congresso Latino Americano de Teoría Social, 2015, Buenos Aires. LISTADO DE PONENCIAS POR MESA, 2015.

SCOTT, Joan W. Experiência. In: SILVA, Alcione L.; LAGO, Mara. C. S.; RAMOS, Tânia. R. (Orgs.). **Falas de gênero**: teorias, análises, leituras. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999. p. 21-55

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-052-0

